

Desvelando o Atenocentrismo

Unveiling Athenocentrism

RESUMO

Este artigo discute um tema central na escrita e no ensino da história antiga: o ateno-centrismo, tanto antigo quanto contemporâneo. Essa discussão foi a base do curso de extensão intitulado *História e Arqueologia de Atenas: dos princípios ao Império Romano*, oferecido pelos autores do presente artigo em duas edições ao longo de 2013, na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP).

Palavras-chave: Atenas. Atenocentrismo. Extensão Universitária.

ABSTRACT

This paper discusses a central issue on the writing and teaching of ancient history: the athenocentrism, both ancient and modern. This discussion was the basis of the university extension course offered by the authors, entitled *Athens' History and Archaeology: from the beginnings to the Roman Empire*, in two edition through 2013, at the Faculty of Philosophy, Language and Human Sciences of the University of Sao Paulo.

Keywords: Athens. Athenocentrism. University Extension Course.

“Falava sobre história do Brasil, explicava que São Luís foi fundada por franceses, colonizada por portugueses e invadida por holandeses, já foi considerada a Atenas Brasileira e hoje é a Jamaica Brasileira” [1].

ATENAS É AQUI?

Por que falar da cidade de Atenas na Antiguidade em um curso de extensão universitária? E, mais que isso, Atenas é um tema relevante para a nossa época? Um

GILBERTO DA SILVA
FRANCISCO

Universidade Federal de São Paulo. Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, São Paulo, Brasil

FABIO AUGUSTO
MORALES

Pontifícia Universidade Católica de Campinas. São Paulo, Brasil

dos objetivos principais do curso *História e Arqueologia de Atenas** foi discutir o lugar histórico e historiográfico da cidade de Atenas, o que está em grande medida relacionado com a influência que essa cidade, a partir de um momento específico de sua história, foi ganhando no campo da memória social de diversas sociedades. Compreender as lógicas das seleções realizadas a partir do legado da história e da cultura ateniense é fundamental para a discussão da influência da “miragem ateniense” na experiência contemporânea.

Recentemente, imagens do centro da cidade de Atenas fizeram parte com frequência do noticiário internacional: as manifestações na praça Syntagma, localizada diante do Parlamento grego, enriqueceram, por assim dizer, o repertório ateniense no imaginário mundial. No entanto, ainda que as manifestações tenham gerado impacto na condução estatal da crise econômica grega, elas não foram suficientemente intensas para a equiparação, neste imaginário, das filmagens da praça Syntagma às célebres fotografias da quina noroeste do Pártenon, na entrada da Acrópole; o mesmo é evidente na comparação dos primeiros-ministros e economistas gregos com figuras como Péricles, Sócrates e Platão. A crise econômica não foi páreo para tantos séculos de construção identitária que tinha como referência a Atenas clássica.

Exemplos deste investimento identitário não faltam, e alguns serão tratados mais detidamente a seguir; para se medir sua importância, basta, aqui, a consideração das tentativas de equivalência ou transposição da experiência social ateniense clássica a outras experiências históricas, corporificadas nos epítetos de “Nova Atenas” de cidades ou mesmo países. Já na Antiguidade, alguns importantes centros político-culturais como Pérgamo e Alexandria eram caracterizados como “Nova Atenas” [12, 5, 21]. No período carolíngio, o monge Alcuino projetou a construção de uma “nova Atenas”, cristã, no reino franco [9]. Posteriormente, cidades como Florença também foram caracterizadas como “Nova Atenas”, dada a consistência do cenário artístico-cultural na Renascença [28]; Genebra, assim caracterizada por Voltaire [30]; Paris [29]; Nova Iorque [26] e mesmo os Estados Unidos da América como um todo, conforme Thomas Jefferson [34]. Além disso, universidades poderiam também ser caracterizadas como Atenas, como a Universidade de Coimbra, e a Universidade Atlântida em São Luís do Maranhão, rebatizada de “Universidade Nova Atenas” [32, 14, 27]; também é o caso de publicações culturais como, por exemplo, a enciclopédia polonesa *Nowe Ateny*, “Nova Atenas”, do século XVIII [4], ou uma revista maranhense do início do século XX [33].

Esses exemplos esparsos indicam um interesse consistente sobre a cidade de Atenas, sobretudo na sua experiência antiga, o que operou como elemento de memória no campo da herança cultural (o debate atual sobre as origens da democracia mostra

* O curso de extensão universitária *História e Arqueologia de Atenas: dos princípios ao Império Romano* foi ministrado no primeiro e segundo semestres de 2013, como atividade do Setor de Cultura e Extensão da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP). O curso foi coordenado pelo Prof. Dr. Norberto L. Guarinello (Departamento de História da FFLCH-USP) e ministrado pelo então pós-doutorando, pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da USP, Gilberto da Silva Francisco e pelo então doutorando, pelo Departamento de História da FFLCH-USP, Fábio Augusto Morales.

isso) e de autorrepresentações. Entretanto, as identidades mudam, e a força da referência que Atenas apresenta pode ser mais ou menos forte. No caso de São Luís do Maranhão, por exemplo, a cidade chamada de “Atenas brasileira” [15, 22], e caracterizada por uma composição étnica bastante variada, já foi centrada na referência ateniense e, como visto, houve ali uma universidade “Nova Atenas” e uma revista literária com o mesmo nome. Nesse cenário, conta o escritor maranhense Oswaldino Marques que a avó sempre advertia: “É preciso estudar. Aqui é a Atenas brasileira!” [8]. Atualmente, agrega também o posto de “nossa Jamaica”**.

A atualidade e a recorrência das representações da Atenas de Péricles e Sócrates, no entanto, estão muitas vezes ligadas a uma compreensão idealizada da experiência histórica de Atenas no período clássico, fruto de uma série de seleções e adaptações efetuadas desde a Antiguidade. Estruturante nestas seleções está o chamado “atenocentrismo”. Acusação recorrente nos estudos de história da Grécia, sobretudo a partir da década de 1990, o termo “atenocêntrico” carrega muitos sentidos e permite muitos usos, o que torna necessária uma distinção mais cuidadosa. A hegemonia de fontes atenienses na tradição clássica literária, por exemplo, se diferencia da consideração de que Atenas fosse hegemônica na cultura grega, como o acreditavam diversos autores de textos daquela tradição, atenienses ou não; paralelamente, a atração exercida pelos estudos atenienses sobre os estudiosos da Antiguidade se diferencia da construção historiográfica que toma Atenas como síntese da história da Grécia. Interessa-nos, aqui, este segundo sentido, que tende, justamente, a colocar Atenas no centro das interpretações sobre fenômenos históricos mais amplos, como a “civilização grega” ou a “cultura clássica”.

O uso icônico e metonímico da história ateniense – Atenas é a pólis grega “por excelência”, e sua história sintetiza a história da Grécia como um todo – se vincula a uma série de concepções sociais e históricas que fundamentam, ainda hoje, a chamada “História Antiga” em geral, e a “História da Grécia” em particular. Entre tais concepções, duas são particularmente importantes para o nosso objeto. A primeira é a ideia de que a história antiga é uma história de cidades, por oposição aos reinos teocráticos orientais; a segunda, de que a história das cidades gregas pode ser compreendida em termos biológicos. Assim, a história da Grécia foi resumida à história das fases da vida de suas *poleis*, ou de uma pólis em particular, Atenas: o período arcaico marca o nascimento e infância da cidade, com as crises habituais da idade; o período clássico equivale à maturidade da cidade, em pleno desenvolvimento militar e cultural; o período helenístico marca a velhice da cidade, obscurecida pelos grandes reinos dos sucessores de Alexandre; e o período imperial significaria a morte da cidade, transformada em simples polo provincial romano [37].

A riqueza relativa da documentação escrita ateniense, por um lado, e o modo como ela parecia se adequar ao modelo biológico, por outro, fundamentaram o atenocentrismo, que ainda necessitaria da ação consciente e politicamente orientada de estudiosos do século XIX e XX, em função tanto da “questão democrática” quanto das autorrepresentações nacionais e imperiais, como se verá a seguir. Antes, é preciso

** Ver epígrafe.

destacar que o atenocentrismo não é um fenômeno absolutamente recente; a consideração de que Atenas representava a cultura grega tem suas origens na própria Antiguidade, e particularmente no período helenístico.

O ATENOCENTRISMO NA ANTIGUIDADE

Três ideias principais estruturaram o atenocentrismo na Antiguidade: a de berço, de muralha e de escola da civilização. Vejamos com mais detalhes.

A ideia de Atenas como “berço da civilização” tem suas raízes na produção literária clássica (por exemplo, em Isócrates), mas é no final do período helenístico que ela ganha uma dimensão pan-helênica. O núcleo do argumento é o mito eleusino, segundo o qual a deusa Deméter, em busca de sua filha raptada, passa por Elêusis – incorporada por Atenas no período arcaico, mas independente no mito –, onde decide reaver a técnica da agricultura e os mistérios da vida e da morte [6]. Os mistérios eleusinos são mencionados em um decreto da Anfíctonia de Delfos, datado de 117/6 a.C., em honra à companhia ateniense dos artistas dionisíacos: no texto do decreto, o povo ateniense é descrito como responsável pela conversão dos homens da vida animal para a vida civilizada, instituindo a associação dos homens por meio dos mistérios (IG II 1134, linhas 16-20^{***}). O decreto, disposto tanto na Acrópole ateniense quanto na *Stoa* dos atenienses em Delfos, garantia uma visibilidade internacional para a alegação da cidade como o berço da civilização. Uníssono ao decreto, Cícero, em *Das Leis*, louva os atenienses por levar a humanidade da selvageria à civilização por meio dos mistérios, além de ensinar as origens da vida e permitir a esperança na morte (*Das Leis*, livro 2, seção 36^{****}).

O prestígio dos mistérios eleusinos permaneceu intenso no principado, como se evidencia pela recorrência de iniciações pelos imperadores romanos, começando com Augusto e chegando, talvez, ao apogeu quando Cláudio sugeriu que os mistérios fossem transferidos de Elêusis para Roma (Suetônio, *Cláudio*, capítulo 25, seção 5^{*****}), em meados do século I d.C., e é possível especular que este seja o núcleo da reprodução do discurso de Atenas como berço da civilização, como se verá, a seguir, em Élio Aristides, em meados do século II d.C.

A ideia de Atenas como a muralha da civilização se baseia na comemoração, nos mais diversos suportes (literatura, escultura, arquitetura, epigrafia), das vitórias atenienses sobre os persas em 490 a.C. (batalha de Maratona) e 480 a.C. (batalha de Salamina); tal comemoração tem um marco fundamental no programa construtivo associado a Péricles, no século V a.C., que converteu o rochedo, para além de santuário de Atena Polias, em um verdadeiro memorial antipersa [35].

*** Cf. IG. *Inscriptiones Graecae II et III*: inscriptiones Atticae Euclidis anno posteriores. 2. ed., part I.1-2. Berlin: Johannes Kirchner, 1913-1916.

**** Cf. CICERO. *De re publica; De legibus; Cato maior de senectute; Laelius de amicitia*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

***** Cf. SUETONIUS. *De vita Caesarum*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1989.

Já no início do período helenístico, Alexandre dedica trezentos escudos persas no Pártenon (Plutarco, *Alexandre*, capítulo 16, seção 8*****), inserindo sua própria vitória, um século e meio depois, em uma guerra ampliada dos gregos contra os persas que começa na destruição de Mileto em 494 a.C. e termina na vitória macedônica na batalha do Grânico, em 334 a.C.. No início do século II a.C., a comemoração da tradição antipersa ateniense na Acrópole ganha uma nova dimensão com a famosa “dedicação atálida”. Trata-se de um conjunto de quatro grupos escultóricos figurando, respectivamente: a Gigantomaquia, vitória dos deuses olímpicos contra os gigantes; a Amazonomaquia, vitória de Teseu e os atenienses contra a invasão de Atenas pelas amazonas; a Maratonomaquia, vitória do exército ateniense sobre os persas na planície de Maratona em 490 a.C.; e a Galatomaquia, ou vitória do exército pergameno liderado por Átalo I sobre os gauleses na Ásia Menor em 237 a.C. [23].

Ainda que existam incertezas quanto à datação, autoria e disposição da datação, é consenso que o conjunto foi dedicado por Átalo I, rei de Pérgamo, pouco depois do início do ano de 200 a.C., quando Atenas foi sitiada pelo exército macedônico de Filipe V; consistia em quatro grandes bases localizadas em uma plataforma artificial na faixa leste junto à muralha sul da Acrópole, encimadas por dezenas de estátuas dos personagens das batalhas figurados em esculturas plenas em escala reduzida, com cerca de um metro de altura, algumas das quais sobreviveram por meio de cópias romanas do século II d.C. [36].

A “dedicação atálida” aprofunda a inserção de uma vitória presente – de Átalo I contra os gauleses em 243 a.C. – em uma tradição antipersa ateniense ampliada também para o campo mítico, com a introdução dos gigantes e das amazonas. Assim, se por um lado ressalta-se o papel da deusa políade ou dos heróis míticos ou históricos atenienses nas três primeiras batalhas, consolida-se a vitória pergamena no grande conflito da civilização contra a barbárie. Atenas é, portanto, eleita o foco desta tradição.

A imagem de Atenas como escola da Grécia, seja pela democracia (Péricles), seja pelo desenvolvimento cultural (Isócrates), ganha força com a formação do cânone dos autores e textos clássicos no contexto da organização da biblioteca de Alexandria, no século III a.C.. A atuação das escolas filosóficas atenienses, foco de atração de estudiosos de todo o Mediterrâneo – e especialmente de Roma, a partir de meados do século II a.C. [20] – contribuiu para a hegemonia da filosofia entre as manifestações culturais e “aculturadoras” da “escola da Grécia”, ainda que a Segunda Sofística, a partir do século I d.C., tenha promovido novamente a retórica a um grande prestígio [2].

Uma interessante síntese das três ideias é o *Discurso Panatenaico* de Élio Aristides, escrito em meados do século II d.C. [31]. Extenso elogio à natureza, povo, história e cultura ateniense, retomando seja os mistérios eleusinos, seja a batalha de Maratona, Aristides constrói um modelo baseado em dois impérios atenienses: o primeiro, conquistado por meio de guerras, foi a garantia da independência e liberdade grega contra o bárbaro persa; o segundo, construído pacificamente pela ação das palavras,

*****) Cf. PLUTARCH. *Lives* (11 vols.). Cambridge, Mass.: Harvard University Press; W. Heinemann, 1954-62.

disseminou a cultura grega/ateniense, inclusive, no mundo bárbaro (Élio Aristides, *Discurso Panatenaico*, 225-6*****). De acordo com a interpretação de J. Oliver, a defesa do “império do logos” ateniense de Aristide se compreende em função da ascensão do cristianismo e a criação de um *logos* cristão, contra o qual o *logos* ateniense, pagão, seria a principal defesa [31].

Berço, muralha e/ou escola, as bases do atenocentrismo já estão dadas no período helenístico e romano; mas será na passagem do século XVIII e XIX que ele será estruturante na então recente “História da Grécia” [19] [37].

O ATENOCENTRISMO DESDE A MODERNIDADE ÀS CRÍTICAS “PÓS-MODERNISTAS”

A forma como a história da Grécia e de Atenas começava a se desenvolver desde o século XIX estava amplamente conectada com os debates sobre os estados nacionais, e a Grécia, nesse cenário, era compreendida como uma nação. Por exemplo, Arnold Heeren, teólogo, filósofo e historiador alemão, em sua obra *Grécia Antiga*, de 1842, caracteriza a Grécia como “Nação dos Helenos”, remontando a elementos de articulação no mito (o herói Heleno que teria dado o nome à nação). A nação grega de Heeren é autoconsciente na sua caracterização. São helenos, respondendo a uma referência mítica original. Heleno, o líder que esse autor cita, é um herói das origens. Mas, fora do plano mítico, há ainda outro elemento de articulação da unidade: trata-se de Homero. E, apesar de elementos de desarticulação, como sua dispersão em vários pontos do Mediterrâneo, eles formariam, segundo Heeren, uma única nação [25].

Essa Grécia ideal, quase um estado europeu da época de Heeren, já não apresentava um referencial sólido para se pensar em um modelo para unidade política. E isso se tornava evidente já nos séculos XVIII e XIX pela observação mais detida do exemplo romano, que oferecia claramente um referencial mais claro para a reflexão sobre a unidade política, e também pelo constante debate sobre Esparta e Atenas que se estabelecia nessa época.

É preciso notar que Atenas ainda não era uma referência isolada tão importante em meados do século XIX. Por exemplo, o historiador francês Jean Victor Duruy, ao publicar a sua obra *História da Grécia* em 1846 [13], foi bastante censurado pelos seus pares pelo tom favorável à Atenas em detrimento de Esparta. Entretanto, uma tendência mais forte pela cidade de Atenas como referência mais importante, o que vinha sendo paulatinamente criado, parece ter sido consolidada pelo historiador inglês George Grote. A sua principal reflexão sobre a história da Grécia, na sua publicação com esse nome em 1853 [16], traz Atenas como a figura central. E esse protagonismo é constantemente apoiado em comparações em termos positivos e negativos. O contraponto negativo poderia ser Esparta.

O elemento central é a democracia focada na igualdade. Assim, como modelo a

***** Cf. ARISTIDES. *Panathenaic oration and in defence of oratory*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1973.

ser seguido, Atenas ofereceria uma referência mais positiva. Começava a se constituir uma ideia de superioridade entre Atenas e Esparta, formada, sobretudo, a partir dos interesses próprios da época de Grote. Mas, as comparações eram de longo alcance, alcançando a sua própria época. O autor chega a dizer que o exemplo da democracia ateniense, e mesmo o das oligarquias gregas, era melhor que o do senado romano e que aquele próprio das instituições da França e da Inglaterra contemporâneas a ele [17]. E a Grécia, mais ampla, aparece também como um elemento positivo: inclusive as oligarquias são bem avaliadas, mas, nesse caso, Atenas representa todas, pois é apenas ela que aparece especificamente citada. Uma cidade que responde pelo todo: Atenas como a Grécia.

Essa visão foi amplamente seguida, articulando-se, assim, os movimentos iniciais do que seria muito depois chamado de atenocentrismo. O historiador francês Jean Victor Duruy, acima citado, em uma nova edição de sua *História da Grécia*, dizia que sua opção preferencial por Atenas estava justificada, depois da obra de Grote. Entretanto, essa perspectiva não era unanimidade, como indica, por exemplo, o caso do historiador inglês George B. Grundy, que em sua *História do Mundo Grego e Romano*, de 1926, critica fortemente Grote, dizendo: “É claro o caso de Grote que começou com a ideia de provar que os atenienses do século V a.C. tinham ideias idênticas às dos primeiros liberais vitorianos e vice-versa” [18].

Aparentemente, seu desconforto era concentrado nessa falta de perspectiva histórica, de alteridade, que proporcionava uma visão a-histórica por parte de Grote. Não havia mudança necessariamente entre os atenienses no passado e os europeus de sua época, havia apenas um lapso temporal. Mas, parece que Grundy já começava a se incomodar com essa avaliação amplamente positiva sobre Atenas. Ele chega a chamar a democracia de Péricles de “criação política estranha” e o próprio Péricles de “hábil oportunista” [18].

Como visto, o debate até este ponto era baseado na apropriação de Atenas como modelo em substituição à ideia de uma Grécia-nação, e de certa diminuição no interesse por Esparta. É claro que outras regiões da Grécia eram estudadas no século XIX. Várias pesquisas arqueológicas aconteciam em sítios do Mediterrâneo, e os dados sobre outras cidades, além de Atenas e Esparta, apareciam. Entretanto, o interesse concentrado pela cidade de Atenas continuou e, mais que isso, Atenas foi tomada como exemplo para a compreensão das outras cidades. Qualquer mudança efetiva nesse cenário demorou bastante. Foi apenas na segunda metade do século XX que ele começava, lentamente, a ser invertido, e só recentemente a questão vem sendo tratada de forma sistemática.

Isso quer dizer que o problema da variedade na Grécia Antiga foi, em certa medida, colocado de lado. É bastante claro que essa variedade já era conhecida, mas não era tratada sistematicamente no conjunto. E essa mudança de perspectiva tem muito a ver com movimentos históricos recentes, como a reorganização do poder no plano político e econômico internacional depois da Segunda Guerra Mundial, a descolonização de alguns países ainda dominados por metrópoles europeias no século XX e a explosão das reivindicações de movimentos por direitos civis.

É complicado situar toda a crítica aos estudos que privilegiavam certas potências

políticas do passado diretamente a esse cenário. Mas, é possível perceber que, pelo menos de forma indireta houve certa ligação e que a sensibilidade quanto aos agentes e problemas históricos mudou bastante. Por exemplo, estudos culturais e a busca da reflexão sobre a identidade começavam a ganhar relevo. Assim, no caso da Grécia Antiga, a discussão sobre as múltiplas identidades aparecem. E, quanto à centralidade de Atenas no debate sobre a organização da pólis grega, a situação parece ser parecida. Uma obra é bastante importante nesse sentido: trata-se de *Culto, território e a origem da cidade-estado grega*, de François de Polignac, publicado originalmente em 1984.

É preciso dizer que a discussão sobre a origem e definição da pólis era centrada na referência ateniense. Eram as reflexões de Aristóteles na *Constituição de Atenas* que dominavam o debate, reafirmando o tradicional quadro da cidade de Atenas como modelo. Esse texto de Aristóteles só foi encontrado no século XIX em um papiro escondido nas areias do Egito, mas as variadas citações em textos antigos já indicavam a sua existência. Trata-se, na verdade, da única das constituições (*politeiai*) de Aristóteles que chegaram aos dias atuais com o texto amplamente preservado.

Entretanto, apresentando uma visão alternativa, François de Polignac procurava outra forma de compreender essas origens, e acabou apresentando uma proposta que caracteriza a cidade de Atenas claramente como excepcional, mostrando que muitos dos elementos considerados básicos para a caracterização da pólis grega (por exemplo, uma cidade centrada em uma acrópole e o afastamento da monarquia) evocavam o exemplo de Atenas e que sua projeção para a compreensão da pólis grega como um fenômeno amplo é, pelo menos, insuficiente. A situação do culto de Atena como uma divindade essencialmente urbana, por exemplo, é uma exceção se observada a dinâmica mais comum de estabelecimento de santuários extraurbanos [10].

Aparece, então, um deslocamento de Atenas como referência para a discussão sobre a pólis grega. Esta cidade era, assim, uma exceção. Essa explicação de uma Atenas excepcional parece ter se expandido, e esse deslocamento também foi proposto por vários autores, como veremos na sequência. Por exemplo, em uma obra geral sobre a Grécia Antiga produzida por Kenneth Dover em 1981, no capítulo sobre Siracusa, é discutida um pouco a questão do atenocentrismo; o autor expõe que o maior motivo do atenocentrismo constituído na academia contemporaneamente estava ligado à grande quantidade de fontes literárias à disposição, mais do que em qualquer outra cidade antiga na Grécia [11].

Dover indica essa dominação cultural que secularmente construiu um interesse concentrado em Atenas e, ainda, propõe uma explicação para isso: é a tradição literária própria dos atenienses na Antiguidade que acabou fornecendo uma quantidade de fontes literárias em maior quantidade. Uma explicação bastante parcial que aparece seguida da proposta de outra potência como referência: “Se você perguntasse a um grego, no início do século IV a.C., ‘qual a maior, mais rica, mais poderosa e mais cultural cidade no mundo grego?’, muitos responderiam, sem hesitação, ‘Siracusa’” [11].

Trata-se, aparentemente, de uma proposta de substituição que seria apresentada também por outros autores. Atenas, nesse sentido, vai perdendo o destaque ou, pelo menos, vai sendo colocada ao lado de outras candidatas ao seu posto de referência. É o caso da Craig Cooper, epigrafista da Universidade de Winnipeg, que em sua obra

A epigrafia e o historiador da Grécia, de 2008, propõe maior realce à região da Jônia. Para Cooper, haveria elementos para repensar o protagonismo de Atenas na criação da democracia: ele sugere que Quios já possuía assembleia popular desde a primeira metade do século VI a.C., e que a própria isonomia, segundo Heródoto, teria sido implementada em Samos antes das reformas de Clístenes em Atenas [7].

Não se trata de um deslocamento puro e simples. Trata-se de alçar outra referência ao posto de ambiente que deu origem à democracia, o que poderia ter implicações bastante fortes na montagem da memória selecionada pelas sociedades ocidentais. E, sobre os motivos do atenocentrismo, além da ampla aptidão epigráfica na Atenas antiga, ele nota também certa promoção da cidade de Atenas em algumas fontes. Ou seja, a situação destacada de Atenas nos estudos contemporâneos estaria ligada à grande quantidade de textos preservados e determinada posição pró-Atenas em obras de autores como Heródoto e Tucídides, o que teria, segundo o autor, ofuscado “a discussão da história política e social da Grécia (...), e nós, por isso, tendemos a esquecer que havia uma vibrante cultura grega fora de lá [Atenas]” [7].

Tais críticas aparecem, várias vezes, em tom de desabafo, e uma efetiva substituição de perspectiva, como no caso de Polignac, não é tão comum. A questão, parece, não é substituir Atenas por outra cidade no campo da mais importante, mas notar que, além de seu excepcionalismo – o que não permite que ela seja utilizada como modelo de forma mecânica –, há uma variedade bastante grande que não é apresentada. Além disso, o fenômeno acadêmico deveria ser mais bem compreendido para que ele seja ultrapassado. Este é justamente o interesse que aparece em alguns estudos recentes, como na obra *Alternativa a Atenas. Variedades da organização e comunidade política na Grécia Antiga*, de Roger Brock e Stephen Hodkinson [3].

Segundo os autores, tal estudo nasceu da avaliação de um cenário problemático quanto à situação de Atenas na compreensão da Grécia como aparecia no cenário acadêmico e fora dele. Por exemplo, as comemorações em 1992 e 1993 dos 2500 anos da democracia (que, nessa perspectiva, teria nascido com as reformas de Clístenes em 508/7 a.C.). Estava em foco novamente Atenas, apresentada como o berço da democracia, quase uma recuperação das propostas de Grote.

A partir disso, Brock e Hodkinson propuseram a organização desse projeto no *Leeds-Manchester Greek History Seminar*, que, de saída, discute mais profundamente a questão do atenocentrismo: para os autores, ele tem dois motivos principais, os quais eles tratam de forma mais extensa: a qualidade e quantidade das fontes relacionadas a Atenas e a conexão criada entre a nossa experiência contemporânea e aquela dos atenienses na Antiguidade em termos de herança cultural.

Ainda, a situação de Atenas, frente a Esparta, também é tratada. Os autores indicam que, apesar de certa força dos estudos sobre Esparta, eles não chegam a ter o alcance universal que os estudos sobre Atenas. E mesmo os estudos sobre a política ateniense são mais profundos comparados aos de Esparta, dada a qualidade das fontes. Ou seja, além de não haver um conjunto amplo de informações textuais produzidas em Esparta, a maior parte do que se conhece sobre Esparta foi escrito por atenienses ou por pessoas amplamente integradas a Atenas. Entretanto, essas duas cidades (as mais estudadas) são apresentadas como exceções.

Compreendida a questão, Brock e Hodkinson propõem uma visão abrangente, a começar pelo próprio projeto de coleções de constituições (*politeiai*) ligado a Aristóteles. Sabe-se, por Diógenes Laércio, que foram escritas 158 constituições de cidades baseadas em regimes variados (democracias, oligarquias, tiranias e aristocracias), das quais, como visto, só conhecemos de forma mais consistente a de Atenas. Mas, há algumas informações sobre o conjunto que interessam. Sabe-se, a partir disso, que não foram apenas as *poleis* tradicionais que entraram nessa descrição: foram integradas até *poleis* com pouca influência grega, como algumas da Mísia, e outras apartadas desse universo, como Cartago. Além disso, as formas de organização política são também variadas: por exemplo, interessava a esse projeto de Aristóteles a descrição da constituição de alguns *ethne* – termo polissêmico, mas que correspondia, neste contexto, às comunidades maiores que uma pólis ou que não se enquadravam na definição aristotélica de pólis. Dessa forma, além da fuga da referência de Atenas, a própria pólis como elemento central da organização política é nuançada.

Com preocupações semelhantes, há a obra de Mogens H. Hansen e Thomas H. Nielsen, *Um inventário de poleis arcaicas e clássicas*, de 2006, na qual, claramente, Atenas, e também Esparta, aparecem caracterizadas como exceções, em meio a uma variedade que estruturava um número muito extenso de cidades. Os autores dizem:

Havia cerca de 1500 *poleis* ao todo e elas estavam espalhadas por todo o mundo mediterrânico. Inúmeros estudos publicaram especialmente Atenas e Esparta. Mas, ninguém nunca conduziu uma investigação englobando as 1498 outras *poleis*. Quantas delas nós conhecemos? Qual o tamanho delas? Onde elas estavam? O que era comum ao menos à maioria delas? Eram Atenas e Esparta *poleis* típicas ou atípicas? [23]

Hansen e Nielsen apresentam algumas informações importantes para o tema aqui tratado. A primeira é o estado do conhecimento. Apenas muito recentemente a variedade e a grande quantidade de *poleis* foram sistematizadas e pensadas no conjunto. E um conjunto muito mais numeroso que as 158 cidades que interessavam ao projeto de Aristóteles. O que nos leva à segunda questão, que é o universo bastante numeroso de *poleis*: se a projeção de um modelo ateniense ou espartano para a compreensão da organização política já era complicado, pensando nesse universo de cerca de 1500 *poleis*, o problema se agrava. Assim, só a avaliação mais detida do conjunto, compreendendo-se as dificuldades de tratamento de um universo tão grande, permitirá pensar na questão da variedade. Os primeiros passos já foram dados, como a reavaliação do modelo de Atenas e Esparta como referência, a caracterização do cenário variado de organizações políticas além da pólis, e as primeiras propostas de quantificação das *poleis*.

O DEBATE SOBRE O ATENOCENTRISMO NO CURSO DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Discutir o atenocentrismo é fundamental, pois na bibliografia, especialmente nos

manuais didáticos, as perspectivas imperialistas ainda são as mais comuns na narrativa da história antiga – mesmo que, nos capítulos sobre imperialismo e descolonização, os autores se coloquem do lado dos dominados. Isso é claro no uso do termo “civilização”, por exemplo: a Antiguidade é repleta de “civilizações”, mas no período contemporâneo não é de bom tom falar em “civilização”. Assim, Atenas ainda é apresentada como quase toda a Grécia, como um modelo da Grécia, ou hierarquicamente situada em relação a outras cidades e, nesse sentido, a outras experiências históricas. A discussão sobre o atenocentrismo, com isso, traz à tona o problema da variedade.

Não se pensa em diminuir a importância da cidade de Atenas, sua experiência histórica no passado e nem determinadas “contribuições” posteriores; mas, é importante perceber que Atenas compunha um quadro variado que ela não pode sintetizar. Além disso, na perspectiva adotada no curso, a abordagem não era atenocêntrica, pois nosso objetivo era discutir uma história local, e entender, no local, como concretamente se davam os contatos com contextos mais amplos – a “civilização micênica”, o Mediterrâneo, o Império Romano... Ou seja, não fizemos metonímia e tomamos Atenas pela Grécia inteira. Atenas não é o todo, não sintetiza o todo, mas estava ligada a um todo mais complexo, e são essas relações que estavam na base da apresentação de conteúdos e interpretações no curso de extensão.

REFERÊNCIAS

- [1] ALVES, C. **Menor abandonado**. Caxias: Fundação Biblioteca Nacional, Ministério da Cultura, 2002.
- [2] ANDERSON, G. **The Second Sophistic: a cultural phenomenon in the Roman Empire**. London and New York: Routledge, 2005.
- [3] BROCK, R.; HODKINSON, S. **Alternatives to Athens. Varieties of political organization and community in ancient Greece**. Oxford: Oxford University Press, 2000.
- [4] BURKE, P. **Uma história social do conhecimento 1: de Gutenberg a Diderot**. São Vicente: Zahar, 2003.
- [5] BUTLER, B. **Return to Alexandria: an ethnography of cultural heritage revivalism and museum memory**. Walnut Creek: Left Coast Press, 2007.
- [6] CLINTON, K. The mysteries of Demeter and Kore. In: OGDEN, D. (Ed.). **A companion to Greek religion**. Oxford: Blackwell, 2007. p. 342-356.
- [7] COOPER, G. (Ed.). **Epigraphy and the Greek historian**. Toronto: University of Toronto Press, 2008.
- [8] COSTA, L. C. G. da. **História da literatura brasiliense**. Brasília: Thesaurus, 2005.
- [9] DE LIBERA, A. **Filosofia medieval**. São Paulo: Loyola, 1998. p.16.
- [10] DE POLIGNAC, F. **Cults, territory, and the origins of the Greek city-state**. Tradução de Janet Lloyd. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- [11] DOVER, K. **The Greeks**. Texas: University of Texas Press, 1981.
- [12] DREYFUS, R.; SCHRAUDOLPH, E. **Pergamon: the telephos frieze from the**

- great altar. v. 1. New York: Metropolitan Museum of Art, 1996.
- [13] DURUY, J. V. **Histoire de la Grèce ancienne**. Paris: L. Hachette et Cie, 1862.
- [14] FOOT, F. **A vingança da Hileia**: Euclides da Cunha, a Amazônia e a literatura moderna. São Paulo: Ed. UNESP, 2009.
- [15] GERODETTI, J. E.; CORNEJO, C. **Lembranças do Brasil**: as capitais brasileiras nos cartões-postais e álbuns de lembranças. São Paulo: Solaris Editorial, 2004.
- [16] GROTE, G. **History of Greece**. v. 2. New York: Harper & Brothers Publishers, 1853.
- [17] _____. **History of Greece**. v. 3. New York: Harper & Brothers Publishers, 1867.
- [18] GRUNDY, G. B. **A history of the Greek and Roman world**. London: Methuen & co. Ltd, 1926.
- [19] GUARINELLO, N. Uma morfologia da história: as formas da História Antiga. In: **Politeia** (UESB), v. 3, n.1, 2003, p. 41-61.
- [20] HABICHT, Ch. **Athens from Alexander to Antony**. Cambridge: Harvard University Press, 1997.
- [21] HADAS-LEBEL, M. **Philo of Alexandria**: a thinker in the Jewish diaspora. Leiden: BRILL, 2012.
- [22] HALLEWELL, L. **O livro no Brasil**: sua história. São Paulo: Edusp, 2005.
- [23] HANSEN, E. **The Attalids of Pergamon**. Michigan: Cornell University Press, 1971.
- [24] HANSEN, M. H.; NIELSEN, Th. H. **An inventory of Archaic and Classical poleis**. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- [25] HEEREN, A. H. L. **Ancient Greece**. Boston: C.C. Little & J. Brown, 1842.
- [26] KOOLHAAS, R. **Nova York delirante**: um manifesto retroativo. São Paulo: Cosac Naify, 2008.
- [27] LOBO, L. **Épica e modernidade em Sousândrade**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.
- [28] MONFORTE, L. **Alegorias brasileiras**. São Paulo: Senac, 2005.
- [29] NICOLAS, M.-J. Introdução à suma teológica. In: **Suma teológica I**. Tradução de Carlos Josaphat. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 21-133.
- [30] TELLES, A.; BASTOS, J. (Orgs.). **Voltaire, cartas iluministas**: correspondência selecionada e anotada. São Vicente: Zahar, 2011.
- [31] OLIVER, J. The civilizing power: a study of the Panathenaic discourse of Aelius Aristides against the background of literature and cultural conflict, with text, translation, and commentary. In: **Transactions of the American Philosophical Society**, nova série, vol. 58, n. 1, p. 1-223, 1968.
- [32] ACADEMIA PORTUGUESA DE HISTÓRIA. A Universidade de Coimbra no seu 7º centenário: homenagem aos professores doutores António de Vasconcelos, Manuel Lopes de Almeida, Guilherme Braga da Cruz e Mário Brandão. Lisboa, 1993.
- [33] RAMOS, C. **Nosso céu tem mais estrelas**: 140 anos de literatura maranhense. Rio de Janeiro: Editora Pongetti, 1973.

- [34] RICUPERO, B. **Força e legitimidade**: novas perspectivas? São Paulo: Editora Humanitas, 2005.
- [35] SCHMALZ, G. **Public building and civic identity in Augustan and Julio-Claudian Athens**. Dissertation, University of Michigan, 1994.
- [36] STEWART, A. **Attalos, Athens, and the Akropolis**: The Pergamene “Little Barbarians” and their Roman and Renaissance Legacy. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- [37] VLASSOPOULOS, K. **Unthinking the Greek polis**. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

GILBERTO DA SILVA FRANCISCO doutor em Arqueologia pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP) e professor de História Antiga da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) – e-mail: gisifran@gmail.com

FÁBIO AUGUSTO MORALES doutor em História Social pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e professor de História Antiga da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas) – e-mail: fabio.augusto@puc-campinas.edu.br